



A Ilustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palma Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Joaquim Lima;—*Nicolau Tolentino, em presença de novos documentos*, por Pinheiro Chagas;—*Anno de 1886*, por D. Guiomar Torrezão;—*Conselho de Mãe*, versos, por Eça de Almeida;—*A Emilia*, conto, por José Maria da Costa;—*As nossas gravuras*;—*Das pequenas nacionalidades europeas*, (continuação), por Alberto Pimentel;—*Quando eu morrer*, versos, por Antonio Nobre;—*Um conselho por semana*;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*No Algarve*, (continuação), por Lorjô Tavares.

GRAVURAS:—*D. Luiz de Carvalho Daun e Lorena*;—*Marcella Sembrich*;—*O espião*;—*Um mosteiro de mulheres, em Moscou*;—*Cabanas de caçadores em Africa*.

CHRONICA

Estou melhor, obrigado.

E poderia comtudo afirmar que estou peor, porque, se é certo que me restabeleci do mal de que ha oito dias me queixava, não é tambem menos certo que me sinto agora accommettido de dois novos males, nenhum dos quaes é menor do que esse com que me despedi do desastrado anno de mil oitocentos oitenta e seis, que Deus haja. Quero dizer na minha que tenho agora tosse, e para lhes dar uma idéa perfeita do meu infortunio, devo tambem accrescentar que já não tenho ferias.

Isto de terem terminado as ferias é uma calamidade a que só tomam devidamente o peso aquelles que commigo a soffrem. Mas ha tantos!

Em Portugal, n'este instante, ha realmente muito quem padeça da mesma intensa magoa que me assoberba o espirito; porque as escolas do paiz andam repletas de alumnos, porque entre nós, emfim, ha muito quem estude, o que não teria, vem a proposito dizel-o, explicação nenhuma, se não houvesse entre nós tão pouca gente que saiba.

Ainda hontem, n'aquelle insipido comboio das oito e

tres quartos, se despedia de Lisboa uma verdadeira legião de pandegos, que á beira do poetico Mondego vão iniciar-se nas variadissimas sciencias, pelas quaes a gente adquire o direito irrevogavel de viver á custa dos ignorantes, rindo-se d'elles nas horas vagas.



D. LUIZ DE CARVALHO DAUN E LORENA

Pobres rapazes! Levavam todos as lagrimas nos olhos, e se choviam bons ditos, eram de certo filhos d'essa alegria innata d'estudante, que até da propria desgraça sabe extrair elementos para convertêr o ingreme calvario da existencia n'um venerando pagode, em que os reito-

res das respectivas escolas podem perfeitamente desempenhar o papel de manipuladores.

E lá partiram, coitados! Lá estão a esta hora estremecendo perante a *cabra* da Universidade, como eu também estremeço ao som da modestíssima sineta da Escola Polytechnica, que aliás não é de certo menos *cabra* de que a outra. Diabo leve o bronze!

Eu disse-lhes que tinha tosse. E disse bem.

Pode entretanto parecer que, n'uma chronica, não vem isto muitissimo a proposito. Engano!

Não fosse chronica a bronchite de que eu me queixo, e eu lhes affirmo que me queixaria menos. Mas, se o não é, finge-o perfeitamente, e creiam que, quando n'ella scismo, sinto que o pensamento se me vae perder na feia perspectiva da morte aos vinte e tantos annos, á luz intensa de um sol que já não fulge para os que vão no declinar da idade, e que morrem cercados pelo gelo, olhando com inveja para mim!

Morre-se em qualquer ponto da vida, e a intensidade da perda mede-se pela saudade dos que ficam. Perder-se-hia muito, se eu morresse amanhã?

Talvez. Mais se perdeu comtudo na morte d'esse sympathico rapaz, que se chamava Ricardo de Faria, e que ainda ha pouco passeiava pela Baixa, exuberante de vida e exuberante de amor, estimado por todos cuja convivencia admittia, e noivo, de mais a mais, de um anjo que a um nascimento illustre allia aquella somma de virtudes que nem o berço garante, venusta martyr que chora agora por elle, inconsolavel, e cujas lagrimas irão cahir sobre aquella sepultura, a fecundar as violetas que hão de brotar em torno, evaporando em cada inverno, por entre o aroma, uma porção infinitissima do coração do pobre moço.

E com que rapidez desaparece na campa um futuro que por tantos modos se affigurava largo e risonho, como tudo isso cabe no pequenino espaço de um caixão!

Ricardo de Faria era realmente, d'entre os seus contemporaneos, um dos rapazes que maior numero de condições reunia para viver muito e para viver bem. Herdeiro, por sua avó, a viscondessa de S. Salvador de Campos, de uma fortuna muito além do que era necessario para lhe garantir todo o regalo da opulencia, era, sobretudo, d'estes caracteres, cuja delicadeza espontanea attrahe naturalmente, um d'estes espiritos essencialmente refractarios a preconceitos, de que afinal não carecem para se destacarem dos imbecis e dos insignificantes, uma alma, emfim, constituida para mover na passagem a corrente de sympathia que é o melhor elemento de felicidade na consciencia dos bons.

E morreu. Mais cedo ainda do que as rosas que, em geral, fenecem exhaustas já d'amor; morreu como aquellas que o vento despedaça logo depois de terem florescido!

Que dia feio o de hoje! que impertinencia de chuva! Está-se mesmo a perceber que é sexta-feira.

Mas o dia de hoje não vae ser apenas memoravel pelo hediondo jejum a que me condemna; trata-se, nem mais nem menos, de dissolver a camara electiva, com a mesma facilidade com que se poderia dissolver uma pedrinha de sal, na taça do infortunio, por exemplo.

O povo é soberano; por isso ninguem faz caso d'elle. Dá-se a gente ao incommodo de eleger aquelles senhores, digere á sua importante saude tanto carneiro com batatas, para vir afinal um ministerio, um Marianno, um mau homem, que os manda todos de presente ao demo, reduzindo á insignificancia pessoas que ainda ha pouco tão cabalmente representavam a opinião do paiz.

Muito depressa muda o paiz de opinião! Porque a verdade é que não ha receio nenhum de que a nova ca-

mara se pareça, levemente que seja, com a camara actual. Vamos ter uma maioria progressista, de se lhe tirar o chapéu, como diz o povo soberano. Ou as eleições deixariam de apresentar interesse, degenerando immediatamente n'uma perfeita samsaboria.

Sejamos francos, a maioria regeneradora ia-se já tornando fossil. Ser pae da patria não é uma coisa que se possa representar pela eternidade dentro. Que demonio! E' necessario dar logar a que novos cidadãos exponham o seu patriotismo; é isso mesmo que o nosso systema governativo pede.

Olhe, sr. Marianno de Carvalho, o sr. fez bem. Agora veja lá se se põe a regatear o preço dos votos. Não se faça fona. Lá que tenha galopins, e que use d'elles, é uma coisa que ninguem lhe leva a mal, visto que sem isso não ha governo possivel.

De mais, qualquer de nós comprehende, sem maior dificuldade, que a lei deve ser igual para todos, menos para quem a dicta. Aliás não havia ninguem que a dictasse. Esta era, de resto, a opinião de Proudhom.

Entre parenthesis, declaro que tenciono requerer privilegio sobre a descoberta que acabo de fazer nas opiniões de Proudhom. Oxalá porém que eu não soltasse n'aquillo uma calumnia.

Delicioso, o baile na Trindade. Tenho infinita pena de ter chegado tarde, meia hora depois da meia noite. Nem tanto era preciso para uma entrada *pschutt*, nem semelhante intenção era compativel com a minha modesta burguezia. Eu gosto pouco de dar pretexto aos outros para que se riam á minha custa; por isso, tambem, em geral, quando me rio dos outros, tenho o cuidado de rir para dentro.

A verdade, a verdade é que eu tinha jantado no Silva, perfeitamente, em companhia alegre, em boa companhia, em summa, por muito que o *Correio da Noite* se indisponha contra a grande porção da sociedade que não é precisamente um poço de virtude. O que é incontestavel é que não ha nada como uma taça de *champagne*, nas mãos de uma *cocotte*.

Cheguei tarde, reatando, Já então se dançava animadamente, correctamente, o que desbancava a hypothese de lá estarem as mil e seiscentas pessoas, como me tinham ameaçado.

O baile assim talvez rendesse menos, mas deixou de certo uma impressão melhor.

Cerca da uma hora da noite, começou o *cotillon*, a que assisti como simples espectador, o que me não prohibe de affirmar que foi elle dirigido pelo sr. barão da Regaleira com maestria e distincção positivamente naturaes n'aquelle cavalheiro.

Entenda-se, porém, que o *cotillon*, n'um baile de subscripção, vae pouco além da contradança marcada; é uma especie de tentativa de nivelamento da sociedade, que afinal ha-de ser sempre constituida de altos e baixos.

Pôr em face de uma senhora um homem que ella nunca viu, é uma coisa pelo menos tão desagradavel, como o pôr em face de um homem uma senhora que elle nunca sequer complimentou, e em cujas relações, de mais, não vae ficar. E' um destempero.

Se o *cotillon* é necessario para coroar o baile, ponha-se-lhe ao menos a corôa o mais tarde possivel. A' uma hora, é cedo.

Exemplo: Houve na Trindade duas damas que se sentaram abruptamente, na occasião precisa em que as demais se lançavam nos braços dos respectivos *vis-à-vis*. Era a sociedade a protestar contra o nivelamento, e a protestar, por signal, de um modo que se usa muito... na Allemanha.

Nicolau Tolentino em presença de novos documentos

I

Um investigador zeloso e paciente, um homem que tem sabido aproveitar em beneficio das letras os meios de fortuna de que dispõe, um erudito *dilattanti*, que sabe mais do que a maior parte dos eruditos de profissão, o sr. visconde de Sanches de Baena emfim acaba de publicar um folheto interessantissimo que intitulou *Memorias de Tolentino*, composto quasi todo de documentos ineditos, que lançam emfim luz completa na biographia d'esse poeta, que foi quasi nosso contemporaneo, que morreu pelo menos no nosso seculo, que um octogenario ainda hoje vivo podia ter conhecido, porque um homem que hoje conte 86 annos, podia ter conhecido, quando tivesse apenas onze annos de idade, o velho Tolentino.

Mas o descuido que entre nós sepulta debaixo das camadas de pó, accumuladas com perfeita indifferença pelos que mais deviam zelar certas glorias, a memoria dos gloriosos, envolvera a existencia do grande poeta n'umas nuvens de lenda que elle proprio se esforçara por tornar densas. Pobre do biographo que intenta reconstruir a vida de Tolentino pelas noticias que d'essa vida se encontram nos seus versos! Aquelle memorial dirigido a D. João VI, e que tem devéras pilhas de graça, não é senão um tecido de patranhas.

O maganão do poeta embaçou o principe regente com uma sem-ceremonia extraordinaria! Seguindo o sr. visconde de Sanches de Baena, verão os leitores como é falso aquelle typo legendario do rapazito pobre que vae para a escola com um capotinho engendrado habilmente pelo remendão a quem os oculos sete vezes caíram do nariz, aquelle estudantinho que vae quasi sem vinthem para Coimbra, e que nos correios nunca recebe senão noticias de saude paterna.

Verão ainda como é falso aquelle pobretão, em cuja casa o Perú era quasi uma ave desconhecida, aquelle indigente que se resignava a ensinar Quintiliano aos rapazes para poder accender o lume em casa. Chega a parecer impossivel como se podem fazer aquellas lamurias sem haver para ellas nem o mais insignificante motivo, e como as podiam tolerar os amigos e conhecidos de Tolentino, que sabiam que elle vivia, como o proprio poeta allegou officialmente quando isso lhe foi preciso, á lei da nobreza.

Por isso tivemos verdadeiro pezar quando lemos logo no principio da *Memoria* a seguinte advertencia: «Para não avolumar ainda mais esta secção dos documentos, deixamos de transcrever um livro manuscripto, que existe em nosso poder, sobre noticias particulares da vida e costumes do poeta Nicolau Tolentino, elaborado por sua irmã D. Joaquina Thereza Froes de Brito. No entretanto havemos de fazer-lhe as necessarias referencias no corpo d'esta obra.»

Não nos consola este ultimo periodo. O que pois possui esse precioso manuscripto, e não o publica! Não era só da vida e costumes de Nicolau Tolentino que esses cadernos nos fallariam, haviam de fazer-nos penetrar no interior de uma familia portugueza nos fins do seculo XVIII. E' isso o que nos falta, é isso o que lá por fóra abunda, é isso o que habilita os romancistas francezes a fazerem-nos penetrar no viver intimo dos seus antepassados. Ha annos publicou-se em França o livro de contas diarias do sr. de Gouberville, fidalgo normando do seculo XVI. Foi uma preciosidade. Deu-nos elementos maravilhosos para podermos conhecer o modo como dirigiam a sua casa esses fidalgos, que faziam a Saint Barthélemy, ou que acompanhavam a Italia o rei de França. Umas notas ácerca da vida intima de Nicolau Tolentino, escriptas por sua propria irmã, por uma d'aquellas manas cuja imagem lachrymosa o pedinchão do poeta apresentava apenas aos magnates quando pedia emprego! Ella é que nos havia de dizer se era verdade regar com o seu pranto o Perú que o irmão mandava de presente a uma familia fidalga. Não publicar esse precioso manuscripto para não avolumar a secção dos documentos! Não lh'o perdamos, sr. visconde.

Mas ha um ponto em que o sustentamos energicamente, e em que lhe damos sem hesitar o auxilio da nossa humilde voz. E' nas queixas que formula contra as pessoas da familia de homens notaveis, que, nem instadas e sollicitadas, se resolvem a proporcionar a quem trabalha os elementos necessarios para escrever a biographia dos seus ascendentes, para glorificar a sua memoria! Repete-se a cada passo isso entre nós, e nada ha que mais revolte um espirito illustrado do que ver a indifferença com que muitos membros de familias fidalgas olham para a gloria dos seus antepassados. Porque se orgulham elles então da sua nobreza? Percebe-se que um homem tenha certa ufaniam em poder dizer que as paginas mais gloriosas da historia portugueza são ao mesmo tempo paginas da sua historia de familia, que os nomes que resplandecem nos fastos gloriosos da patria são nomes que figuram na sua

arvore genealogica. Mas, se não se importam com isso, então de que se orgulham? Do seu titulo, se o têm? Qualquer merceeiro rico o pode hoje comprar. De terem nascido em berço doirado? Em berço muito mais doirado nascem os filhos dos negreiros.

Então de que se ufanam? Como é que imaginam ter direito á consideração publica?

A nota final do livro do sr. visconde de Sanches de Baena é n'esse ponto caracteristica:

«Primaram sempre, diz o erudito escriptor, os antigos fidalgos portuguezes em dotes de cortezia.

A hodierna familia Silvã, que muito nos poderia ter auxiliado com mais algumas noticias com respeito a seu avô Forbes, nem ao menos respondeu ás cartas em que lh'as sollicitavamos.»

Não é um exemplo isolado. Repete-se o facto a cada instante. Ou desprezam a gloria dos seus avoengos, por um sentimento democratico pouco em harmonia com os orgulhos fidalgos, que aliás lhes não escasseiam, ou não comprehendem o briho que pode resultar para os seus brazões da homenagem prestada ao merito dos seus ascendentes.

Se damos assim plena razão a uma queixa formulada pelo sr. visconde de Sanches de Baena, permitta-nos que, á boa paz, repulsemos algumas censuras por elle formuladas. Uma d'ellas dirige-se evidentemente ao *Diccionario Popular*, posto que o sr. visconde delicadamente occultasse o nome.

Diz assim:

«E ainda agora lemos n'uma obra de grande tomo e lato curso que se ignorava o nome paterno de Rodrigo da Fonseca Magalhães, ao passo que este nosso illustre estadista o havia feito constar por varios modos.»

E acrescenta em nota:

«Um dos modos, e o de mais facil obtenção, seria o de recorrer ao registo dos livros dos *Filamentos da Mordomia-Mór do Reino*, onde em 1838 declarou o notavel estadista ser filho legitimo de Lufz da Fonseca de Magalhães.»

As obras como o *Diccionario Popular* em parte nenhuma, e muito menos em Portugal, podem ser obras de investigação directa. Não o são em França, onde pode comtudo Larousse juntar em torno de si um verdadeiro exercito de collaboradores, muito menos o podia ser o *Diccionario Popular* que está sendo actualmente redigido apenas por dois homens, apesar da lista relativamente numerosa dos que o honraram com a sua collaboração; mas a esses collaboradores adventicios não se pode arrancar mais do que um ou dois artigos, e o peso do trabalho recae sempre sobre pouquissimos escriptores, de outra forma nunca se conseguiria levar ao fim obra de tamanha magnitude. Como queria o sr. visconde de Sanches de Baena que se fizessem as investigações que indica para cada um dos milhares de artigos que a Portuguezes notaveis alli se consagram? Muito se fez comtudo, e muito se procurou fazer. Bateu-se á porta das familias que mais interessavam com a publicação de biographias exactas de homens importantes de quem descendiam, e muitas vezes se recebeu a resposta que o sr. conde da Silvã deu ao author das *Memorias de Tolentino*. Em compensação pôde esse *Diccionario* publicar excellentes biographias de marinheiros notaveis, colhidas directamente pelo sr. visconde de Paço d'Arcos nos archivos de marinha, biographias de militares contemporaneos feitas pelo sr. major Alberto de Oliveira á vista dos documentos officiaes do ministerio da guerra. Algumas familias, menos descuidadas, prestaram valiosos esclarecimentos, e é isso o que dá incontestavel valor á biographia do general Luna, do barão de Chancelleiros, e á de Hugo Owen que apparecerá no *Supplemento*, e para a qual se obtiveram do sr. barão da Torre da Pera Palha importantes esclarecimentos.

A biographia de Joaquim Ferreira de Freitas, o celebre *padre Amaro*, foi elaborada pelo sr. Zacharias d'Aça á vista de documentos ineditos, herdados de seu pai, que fóra intimo amigo e collaborador do famoso jornalista. Mas não era possivel repetir-se o mesmo com relação a milhares de artigos. Feliz o director do *Diccionario* quando encontrava algum livro especial onde podesse colher os dados indispensaveis. Succedeu isso com a biographia de Rodrigo da Fonseca, colhida em grande parte na biographia escripta pelo sr. Latino Coelho. D'essa biographia é transcripta no *Diccionario Popular*, e transcripta *ipsis verbis*, como se declara, a parte relativa á filiação de Rodrigo da Fonseca, que incorreu na delicada, mas injusta censura do sr. visconde de Sanches de Baena.

E ainda a proposito do *Diccionario Popular* permitta-nos o sr. visconde de Sanches de Baena que lhe perguntemos: Como é que não vio que a data de 1711, que no *Diccionario Popular* se diz que foi a data do nascimento de Nicolau Tolentino, provinha de um erro de imprensa transparente? Se Nicolau Tolentino houvesse nascido em 1711, teria morrido centenario, e o facto era bastante excepcional para que o author do artigo não deixasse de o pôr em relevo. Demais, havendo uma divergencia tão completa entre essa data e a que geralmente é tida como a data verdadeira do nascimento do poeta, não podia o articulista deixar de dizer as razões em que se fundava. Tudo isso devia levar o critico a suspeitar pelo menos que só por erro de imprensa podia apparecer no artigo a que se refere a data de 1711 em vez da de 1741.

Não ousamos comtudo applicar ao sr. visconde de Baena a aspera censura, que formula a pag. 15 do seu livro:

«O criterio deve presidir até aos actos mais insignificantes da vida humana; e todo aquelle que, esquecendo-se d'esta faculdade, transmite ás gerações futuras, pelo fio electrico da imprensa, o germen da confusão que desorienta a verdade historica, é, a nosso ver, mais do que leviano.»

Não lhe applicamos esta censura, porque a não merece um investigador consciencioso, que tão altos e tão relevantes serviços presta ás letras patrias com o seu trabalho excellentemente dirigido, ao author do *Archivo Heraldico*, ao continuador das *Memorias genealogicas* de Feo, ao investigador das genealogias da familia de Alfonso de Albuquerque e de Pedro Alvares Cabral, ao author da memoria sobre Ludovice e das Memorias de Tolentino e de tantas obras de incontestavel merito, e que tanta luz derramam em varios pontos da nossa historia; mas não deixaremos de lhe dizer que, ao citar as diversas versões que correm na imprensa ácerca da data do nascimento de Tolentino, devia manifestado, *porque se deve manifestar até nos actos mais insignificantes da vida humana*, um pouco d'aquelle criterio, cuja falta censura nos outros.

No proximo artigo entraremos no interessante assumpto a que nos chama o excellento livro do sr. Sanches de Baena.

PINHEIRO CHAGAS.

ANNO DE 1886

(Imitação)

O' tu, que acabas de despenhar-te no gigantesco tonel das Danaides do passado, gotta d'agua absorvida pelo vasto oceano do nada onde termina a existencia, semente infecunda atirada ao vento e esmagada pelo pó do tempo, mais pesado do que a pata do Leviathan biblico, grão de areia enterrado na neve do olvido, anno que partiste, eu te saúdo!

Desejaria fazer-te um necrologio, semelhante áquelle que os herdeiros benevolos fazem aos defuntos abastados.

Mas em vão diligenceio fixar a tua imagem, anno nullo, anno inutil, embryão que não produziste nem a virilidade que domina, nem a graça que seduz.

Tu foste descaravel para a Poesia, o derradeiro ideal que nos sorri ainda por entre os amargos desencantos da vida e as dolorosas realidades da terra. Foste tu que prostraste na fria louca do tumulto o poeta, para o qual ainda até hoje não se encontrou uma mortalha gloriosa, digna da sua gigantesca estatura. Foste tu que gelaste nos labios de Victor Hugo a ultima nota da sua lyra de ouro, o extremo cantico do seu poema immortal.

Foste tu que ousaste desprestigiá-la soberana belleza do verso, chamando-lhe inutil, e foste ainda tu que formulaste a sentença impia contra Homero, chamando-lhe anachronico.

Roubaste-me alguns amigos estremecidos, que dormem hoje á sombra esguia do cypreste, no silencio glacial de uma cova, onde as minhas lagrimas caem lentamente e onde a minha voz resoa em vão, sem conseguir acordar o pobre ausente que dorme.

E em troca dos amigos que partiram, a minha alma entristecida pergunta-te, a ti que os levaste, a ti que os escondeste no medonho sorvedouro d'onde se não volta, onde estão os amigos que chegaram?

Foste banal no teu prefacio, foste inexoravel no teu epilogo!

Antes de despregares o voo, anno de 1886, empregaste a agua, o insondavel elemento, empregaste o fogo, o tragico exterminador, e, de subito, a traição, no dia em que os altares se cobriam de flores e as mezas se cobriam de manjares, para a doce communhão da grande festa do Natal, que reúne os que se amam, no querido banquete patriarchal, que approxima, no calor dos brindes que se cruzam, os corações que se estremecem, lançaste um veu de escumilha sobre as nossas pobres festas malogradas e trocaste os nossos risos em lagrimas!...

E entretanto, perdoo-te e bemdigo-te, monstro, porque te devo o ineffavel jubilo de amar e ser amada!

Partiste, anno fatal, deixando suspensa sobre as nossas cabeças uma ameaça.

Foste tu, talvez, que concebeste no teu flanco malfasejo o fermento da guerra, que troveja ao longe.

Se essa guerra, que é hoje apenas um esboço, se afirmar em um quadro dantesco, os povos lutarão uns contra os outros e pela Europa despenhar-se-ha em torrentes um oceano de sangue.

Como o crepusculo que resvala, tingindo o horisonte de tin-

tas acobreadas e rubras, no clamor indistincto de uma tempestade nocturna, tu fizeste vibrar no espaço os clarins bellicos e sacudiste no ar os vermelhos pennachos ondeantes dos cavalleiros da Morte.

Essa guerra, que Deus afaste, será por ventura para a França a desforra sagrada e a gloriosa affirmacão do predomínio da raça latina sobre a orgulhosa raça teutonica.

Mas a hora ainda vem longe, e tu não foste, oh! mentiroso anno! senão um simulacro, tentando perturbar a doce serenidade onde as almas se retemperam, para arrostarem sem perigo as arduas lutas do futuro!

Anno cobarde! tu lançaste-te, ao agonisar, nos braços dos genios maus que meditam na sombra hecatombes sinistras!

Foste apenas propicio aos chimicos, aos inventores, aos manipuladores de novos elixires, aos fabricantes de machinas exterminadoras, que nos promettem uma guerra obstinada, sem um feito heroico, onde o homem cairá fulminado, sem ter combatido, onde as cidades perecerão, sem mesmo tentarem defender-se, onde forças cegas e inexoravelmente assassinas substituirão o bello impeto guerreiro que impellia os soldados para as batalhas, sedentos de gloria e indifferentes á morte.

De que serviria hoje a espada de Rollando e de Carlos Magno?

Não tardará que a polvora faça saltar em estilhaços a montanha, onde os antigos pastores iam colher as plantas odoríferas e contemplar as estrellas palpitantes!

A Crueldade triumphou, amparada pelo augusto braço da Sciencia.

Oh! triste anno, eis o spectaculo em que te deliciaste!

E entretanto, perdoo-te e bemdigo-te, porque te devo o ineffavel jubilo de amar e ser amada!

*

A despeito da tua avareza, o teu Inverno deu-nos violetas, e o teu Verão deu-nos rosas.

Debaixo do teu céu inclemente e sulcado de nuvens, os rios e os passaros cantaram o seu threno melodioso; a alma da noite librou-se na melancolia das flores moribundas; as mysteriosas doçuras da sombra resvalaram das folhagens tremulas; o espirito da solidão, propicio aos que se amam, animou a natureza e arrancou-lhe a sua expressão immortal. A grande symphonia da vida rolou no azul espiritualizado da primavera a sua estrophe de ouro. As andorinhas vieram do Oriente pousar no beiral do meu telhado, e os pombos desceram, como um frouxel de plumas brancas, sobre as heras da minha janella.

Amei, acreditei, soffri, gosei, e deixei correr, como um sangue ideal, a ultima lagrima das minhas illusões desfolhadas, confundida com a primeira flor das minhas esperanças reverdecidas.

Duvidei da felicidade e neguei-a, como Pedro negou a Christo, voltando-lhe as costas e fugindo para não ver a sua imagem esquiva; e acabando de negal-a, deliciei-me no voluptuoso martirio de reconquistal-a, sabendo que cada uma das rosas que ella me espalhasse aos pés, viria, mais tarde, rasgar-me o peito com os seus espinhos, buidos como styletes.

E por isso que te perdoo e te bemdigo, fatal anno que partiste, porque te devo o ineffavel jubilo de amar e ser amada!

GUOMAR TORREZÃO.

CONSELHO DE MÃE

(Ao meu muito intimo amigo, o doutor Antonio de Castro Freire)

Quando isto succedeu,—recordo-me tão bem
Que esta idéa inda hoje a minha alma abraza!—
Andava eu passeando, a sós com minha Mãe,
N'um pequeno jardim que tinha a nossa casa.

O sol agonisava, ao longe, tristemente,
E, sobre a vastidão purissima do céu,
Entre nuvens de gaze, a lua, lentamente,
Vinha, como uma noiva, envolta no seu véu...

O ar tinha o perfume e a limpidez do estio.
Como esphinges de fogo aladas sobre as ancas,
Vogavam, muito ao longe, os barcos pelo rio,
Abrindo para o céu as grandes velas brancas.

Vinha cahindo a noite, e minha Mãe, cançada,
Sentára-se n'um banco: eu 'stava junto d'ella,
Olhando aquella fronte angelica e sagrada,
Onde-ás vezes havia o brilho d'uma estrella.



MARCELLA SEMBRICH

Do sol sereno e bom obedecendo aos mandos,
Fechavam-se, a tremer, as pallidas florinhas,
Emquanto, pelo Azul, iam, em grandes bandos,
Aiegres e a chillar, as meigas andorinhas.

Conversáramos muito; emfim, eu era, então,
Um pequeno travesso e amigo de fallar
E a conversa cahiu,—não sei porque razão,—
Sobre uns vizinhos meus que, em breve, iam casar.

Eu conhecia o noivo: era bonito, nobre,
Intelligente, bom, muitissimo illustrado;
Tinha só um defeito: é que era muito pobre ...
Ainda mais do que pobre:—estava arruinado!

A noiva era, ao contrario, immensamente rica:
Tinha um dote real, magníficos *cupês*,
Possuia um palacio aos lados de Bemfica,
Que habitava co'o pae,—um pesadão burguez.

Em ambos existia o calculo grosseiro:
Ella dava a riqueza em troca de um bom nome;
Elle dava o seu nome em troca do dinheiro,
Para evitar, talvez, vir a morrer de fome!

Ora como essa união, filha do interesse,
Era d'estas uniões que o senso bom repelle,
Pedi a minha Mãe, então, que me dissesse
Se elle ia ser feliz, se ella gostava d'elle.

Minha Mãe, ao meu lado, olhava docemente
O declinar do sol. Acabou de me ouvir
E puxando-me então, serena e meigamente,
Deu-me um beijo na testa e disse-me a sorrir:

«Se casares,—attende o que eu te vou dizer:—
«Não escolhas, meu filho, uma mulher, á tóa,
«Em vez de mulher rica, escolhe uma mulher
«Que te ame só a ti, que seja meiga e boa.

«Ainda que fiques pobre e emfim nada te reste,
«Não cases por dinheiro; escuta, minha flor,
«O amor,—essa affeição purissima e celeste,
«Deve ser dado só em troca d'outro amor.»

Anoitecera emfim. Nas arvores gigantes,
Os tristes rouxinoes cantavam na deveza
Os preceitos ideaes, sublimes, deslumbrantes
Da biblia colossal chamada—Natureza.

E nos plainos do Azul, a lua, essa *coquette*
A quem servia o céu inteiro de *boudoir*,
Completava, a sorrir, a *olympica toilette*,
Mirando-se no espelho esplendido do mar!

Nesse tempo feliz era eu uma creança,
Mas tal magua senti, quando isto succedeu,
Que ainda agora conservo a nitida lembrança
D'esse conselho bom, que minha Mãe me deu!

E hoje, que ella não vive, hoje que se finou
Esse anjo, e nunca mais hei de tornar a vel-o,
Recordando-me, então, do Bem que me ensinou,
E tomando-a, afinal, por typo e por modelo,

Busco, no mundo ideal em que a minh'alma habita,
Uma Noiva que, a mim, me comprehenda bem,
E seja tão gentil, tão boa e tão bonita,
Como era a minha Mãe!...

Lisboa, 1886.

EÇA DE ALMEIDA.

A EMILIA

A Emilia era uma rapariga bem desempenada e elegante. Alta, de um branco mate, como uma sevilhana *pur sang*. Tinha os quadris amplos, delgada a cintura e o tronco esculptural. Na frente serena, emoldurada de cabellos pretos, brilhavam-lhe dois olhos grandes e vivos, mas de uma doçura infinita.

A mãosita de fada gesticulava inquieta, acompanhando a espantosa verbosidade. A voz clara e vibrante, tinha um timbre meigo que acariciava o ouvido. Sentia-se ao pé d'ella que a palavra fraternidade não era uma figura de rhetorica. E aquelles que estavam afastados da familia pensavam involuntariamente n'uma irmã.

Todas as vezes que a mulher, seja ella quem for, inspira tal sentimento, pode confiar-se n'ella. Deve ser uma alma meiga, boa e delicada.

Ha mulheres junto das quaes se sente o desejo da orgia e sob cujo olhar se entreabre um mundo de fantasias orientaes, de

sonhos perfumados de harem. São as mundanas que embriagam como o haschich.

Não era d'essas a nossa singela heroína; não, porque o seu caracter vibratil como o de todas, não a arrastasse para esse campo; mas porque a educação prosaica e despida d'illusões do seu lar operario, a havia feito encarar o mundo como elle é.

O pae, um humilde marceneiro, morrera no campo de batalha de officina, de plaina em punho.

O abalo enorme produzido no meio economico da familia, por este facto, só o pôde avaliar quem é operario.

Desmoronou-se o *ménage*; fôram-se os sonhos dos paes, que desejavam dar á rapariga uma educação regular, e habilita-la a aspirar a um futuro risonho. O marceneiro era um artista de casa fina: lia e pensava.

Tendo a pequena apenas 16 annos, foi arrancada do collegio e collocada n'uma modista na rua do Sá da Bandeira. A vida do atelier, na cidade do Porto, é a mesma dos ateliers de Lisboa. E' a escravatura. A mulher que entra ás 8 horas da manhã e sae ás 8 horas da noite, regularmente, eternamente. E' a vida encarada pelo seu lado mais sedentario, mais material e aborrecivel. Junta-se a isto a irritação produzida no animo de raparigas sem instrucção, pelo continuo roçar de sedas e rendas de alto valor, de que o custo de cada metro equivale ao salario d'ellas, n'uma semana—estofos e rendas que muitas vezes ficam inutilizadas n'uma noite—e ter-se-ha o segredo das suas unhas rapaces quando algum solteirão ou filho familia lhes cae aos pés.

A sociedade, e principalmente os logistas, olham assombrados para essas mulheres que estragam sedas, desapiedadamente e enodoam velludos. Vingam-se. São antigas costureiras de modista que cevam nas pellucias finamente adamascadas, a sua raiua concentrada de dez annos de thesoura.

*
* * *

A Emilia, costumada á estonteante alegria do collegio de *miss Mary*, uma ingleza grotesca, grande consumidora de cabelleiras loiras e de chá preto, empallideceu a olhos vistos dentro do negregado atelier e declarou-se-lhe doença de peito, de trabalhar á machina. Por conselho dos medicos, a mãe teve que retirar-a do atelier, e como é de suppor, n'aquella casa, onde a economia mais feroz luctava braço a braço com a miseria, saindo victoriosa todos os dias, entrou finalmente a fome.

Começaram a desaparecer, na voragem insondavel do *prego*, todos os trapinhos de alguma superfluidade, até que não podendo mais a mãe de Emilia, recorreu, como uma desesperada, á esmola.

Primeiro foi á junta de beneficencia parochial; mas as exigencias da doença da filha iam-se duplicando, á medida que a tísica se adiantava, e então recorreu ao publico. Como os annuncios nos jornaes já nada produzissem, saiu á rua. Era medonha de angustia e de vergonha a expressão com que a pobre viuva do operario estendia a mão aos transeuntes. O seu olhar era um poema de lagrimas.

Um dia, viu approximar-se um rapaz, jornalista elegante, que em pequenino frequentara a sua casa pelo facto de ser seu vizinho. Teve um repelão d'orgulho e escondeu o rosto; mas um pensamento lhe acudiu. Ella devia estar bastante desfigurada para ser reconhecida, e aquelle rapaz talvez lhe desse alguma cousa, porque a mocidade é generosa.

O jornalista approximava-se. Ella estendeu-lhe a mão correctamente, como uma mendiga de profissão, murmurando a sua supplica.

O rapaz estacou admirado, e com o olhar penetrante de um homem do mundo, perguntou-lhe abruptamente:

—E' a viuva do mestre João?

A pobre, apanhada de surpresa, dilatou os olhos como se lhe faltasse o ar, e encostou-se á humbreira de uma porta, para não rolar no chão. Depois, cobrando animo, respondeu:

—Sim, senhor!

—Então como veio parar a esse estado? inquiriu o moço.

Havia na voz e no olhar d'elle, tanta compaixão, que a viuva contou tudo.

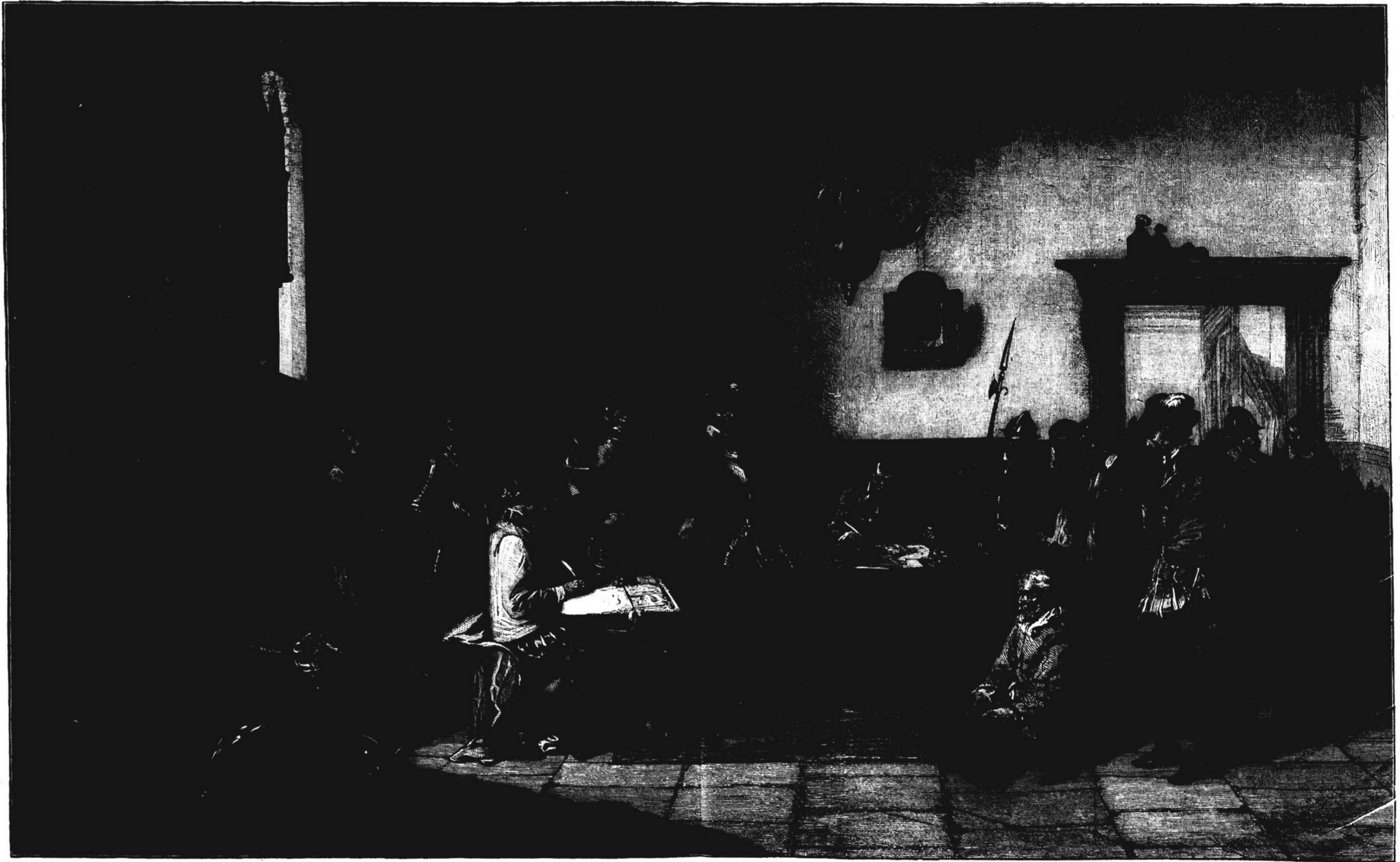
O jornalista metteu-lhe na mão 500 rs., e prometeu ir no dia seguinte ver a filha.

Foi, e depois de conversar muito, expoz uma idea.

Estava de passagem no Porto, vindo de Londres, um grande pintor inglez, especialista em retratos de mulheres e creanças, como Carolus Durand. Fôra-lhe apresentado e tivera occasião de examinar uma curiosa collecção typica de mulheres de todos os paizes. Por acaso, o artista dissera-lhe que desejava retratar uma tísica, mas que, até hoje, todas as que se tinham prestado eram typos ordinarios.

Entendia o jornalista que a occasião era preciosa e não se devia deixar perder. O dinheiro que elle desse, serviria para tratar com abundancia a doente.

Combinou-se tudo e o inglez foi a casa da viuva, ficando extasiado diante do typo singularmente bello da doente, a quem a terrível enfermidade dava um encanto ideal, capaz de seduzir todas as cabeças do norte.



O ESPIÃO

A *virgem tisica*, foi o nome que o inglez deu ao seu quadro, e tal foi o ardor que poz em o acabar, que em poucas sessões estava prompto. Foi um triumpho a sua exposição n'uma das galerias mais ricas da colonia ingleza.

A Emilia estava recostada n'uma *chaise-longue*, entre almofadões vermelhos. A' tez mormorea e patricia, vinham uns reflexos bronzeos das madeixas do cabello preto, que lhe rodeavam a frente e os hombros. Um vestido de seda branca e rendas apertava-lhe o talhe emagrecido mas esbelto. Parecia uma duqueza doente.

Todas as familias principiaram uma romaria para casa da viuva do mestre João, para admirarem o original, e à vista da miseria que notavam, abriam a bolsa.

Mas o mais surpreendente estava ainda para vir. O pintor inglez mandou o quadro para Londres, para figurar n'uma exposição; e um lord romantico, tamanha paixão concebeu pela formosa Emilia, que obteve do pintor o seu domicilio e apresentou-se no Porto para ver o original. Como inglez previdente, muniu-se porem de um medico especialista em doenças de peito.

Não foi difficil ao homem de sciencia adivinhar a causa porque emmurhecera tão rapido aquella flor portuense. Faltara-lhe o succulento bife com batatas, a valente sandwich e uma viagem a bordo d'um yatch, até ao porto de Napoles.

O inglez levou-a para a Madeira, e o fino tratamento da cosinha britannica e o abençoado clima da ilha, operaram o milagre. Em cem dias, o praso preciso para Napoleão I perder pela segunda vez o imperio, a elegante costureira recuperou a saude, os seus pulmões principiaram a funcionar com toda a correcção, e ella tornou-se rival de Cord Campbell, na ascensão aos picos, na caça ás garças, e nas regatas dentro d'uma chalupinha branca e dourada, com um simples latino enfunado à brisa acariciadora das tardes insulanas.

O inglez, aprendeu o ella rapido, entre beijos que sellavam syllabadas medonhas, o que fazia rebentar de riso o nobre namorado. Tambem, como ella ria quando o joven lord queria fallar o portuguez!

No Funchal, estavam quasi em terra britannica. Por toda a parte para onde voltavam os olhos, não viam senão disticos em inglez. O *yes, yes*, dos homens do povo, chegava-lhes constantemente aos ouvidos.

Casaram e seguiram para Londres. O lord dotou a esposa em 400 contos, e para completar a sua educação fez com ella uma viagem à roda do mundo. Na India, porém, teve a imprudencia de assistir a uma caçada real na companhia de um rajah. Um tigre saltou como um raio acima do elephante em que elle ia, e d'uma dentada matou-o. A viuva regressou à Europa, e não tendo nada que fazer em Inglaterra, visto que, pela lei ingleza, a fortuna e o titulo do marido passavam ao irmão immediato, liquidou as suas joias, no valor de duzentos contos, e juntou-os ao dote no banco d'Inglaterra; regressando ao Porto, rica, joven, instruida e... lady.

Toda a colonia ingleza se apressou a ir visitá-la, e entre os seus patricios foi tambem o jornalista portuense que fôra a origem da sua fortuna.

Lady Campbell acolheu-o com particular deferencia e entre elles começou uma intimidade, que levou uma vez o jornalista a cair-lhe aos pés e confessar o seguinte:

—Lady Campbell, sinto que a amo desde este momento, e que não posso passar sem o seu amor.

A nobre lady, pondo de parte o seu verniz aristocratico, respondeu, com a gaiatice da costureira d'outr-ora:

—E eu amo te, desde o primeiro dia em que ambos jogámos o pião, em pequenos, na escada de meu pae, o mestre João...

O jornalista caiu das nuvens diante d'esta *sans façon* e perdendo o aprumo, murmurou:

—Emilia!... minha querida Emilia!...

Hoje, elle é o sr. visconde de... e ella a sr.^a viscondessa do mesmo titulo.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

AS NOSSAS GRAVURAS

D. LUIZ DE CARVALHO DAUN E LORENA

D. Luiz de Carvalho Daun e Lorena, o actual governador civil do districto de Lisboa, é filho dos condes da Redinha.

D'uma familia illustre nas paginas da historia portugueza, descendente do marquez de Pombal, tendo, portanto, no passado um nome que só por si bastaria para nobilitar e engrandecer um brazão, D. Luiz de Carvalho pensou, e pensou bem, que as nobres tradições que se herdám são uma responsabilidade pesada, uma nobre obrigação que se impõe, uma condecoração sagrada que só pode usar-se quando cada dia que passa confirme o direito da sua invejada posse.

Isto, que tão poucos comprehendem, afirma-o a cada passo o

sr. D. Luiz de Carvalho, pelo acrisolado fervor das suas idéas liberaes, pelo escrupulo da sua consciencia tão exigente e tão levantadamente esclarecida, pelo modo patriarchal, amplo, generoso e delicado, até aos limites do inverosimil, porque exerce a caridade.

Não tendo filhos do seu casamento, elle e a companheira adoravelmente virtuosa e superiormente intelligente que lhe coube em sorte, amparam, acolhem, educam quantos desamparados imploram o abrigo da sua protecção, ou se revelam aos olhos da sua inexgotavel e incansavel piedade.

Como homem publico, D. Luiz de Carvalho tem exercido as funcções que dão mais trabalho incompensado, a mais ingrata e ignorada labutação.

Foi presidente do municipio de Lisboa por duas vezes, governador civil por outras tantas, e é provedor do «Asylo de Nossa Senhora da Conceição para raparigas abandonadas» exercendo este cargo desde 1868. O ultimo ministerio presidido pelo sr. Anselmo Braamcamp, reconhecendo-lhe os serviços e a rara integridade, nomeou-o par do reino.

Na vida intima, é o sr. D. Luiz de Carvalho o mesmo que apparece na vida publica.

Não é dos que imaginam possivel esta contradictoria e paradoxal dualidade, que torna em dois seres distinctos o homem publico e o homem particular.

Entrar na casa em que este genuino e verdadeiro *homem de bem*, em que este fidalgo de raça e de costumes de character, de coração e de maneiras recebe os seus amigos ao lado d'uma das mais graciosamente delicadas, d'uma das mais talentosas e finas e distinctas senhoras da sociedade portugueza, é sentir o grande consolo intraduzivel que penetra as almas sonhadoras do que é bom, do que é bello, do que é raro, ao ver que os mais arrojados e radiantes sonhos de virtude, de caridade, de amor de familia, de hospitalidade antiga, de nobre e singela bondade podem ser ainda admiravelmente realisados no meio d'esse mundo cujo espectáculo nos entristece e magôa tantas vezes.

MARCELLA SEMBRICH

Marcella Sembrich—a rival da Patti—teve o seu berço na desventurada Polonia, onde, ha vinte annos, vivia um professor de musica não menos desventurado, Casimiro Kokhansky. A fortuna maltratava este misero, negando-lhe os seus dons e os seus sorrisos. O infeliz, para poder viver, obrigava-se muitas vezes a jornada de terra em terra, dando lições aqui e ali, esmolando quasi.

Era este o pae de Marcella Sembrich, nascida a 15 de fevereiro de 1858 em Wismarowsky, pequena povoação da Galitzia.

Aos quatro annos, Marcella ou antes Marcellina, como lhe chamavam, aprendia já piano; e aos seis começava a aprender rebeca.

Educada por seu pae,—um musico distincio ainda que pobrissimo,—e dispondo de talentos verdadeiramente prodigiosos, era aos doze annos uma pianista notavel e dava já lições de musica em Leopold, onde sua familia se havia estabelecido. Que felicidade para a pobre creança, quando algum dia lograva trazer para casa dois ou tres florins ganhos a leccionar!

Quem imaginaria então, vendo-a levar, ao lado de seus paes uma existencia penosa, de privações e de miseria, que a pequena professora chegaria, poucos annos depois, a ser disputada a peso d'ouro pelos principaes theatros da Europa!

Bem longe estava ella mesmo de suppor, embora lançasse a phantasia aos sonhos mais audaciosos, que o prestigio do seu talento bastaria apenas para attrahir as multidões, e que, pobrissima e desventurada até ali, poderia mais tarde dispor de alguns milhares de francos, com que lhe fosse dado suavisar infortunios e enxugar lagrimas alheias!

A joven polaca teve a felicidade d'encontrar em Leopold um musico de talento, Guilherme Stengel, que reconheceu o seu genio artistico e que, passados tempos, lhe deu a mão d'esposo. Guiada pelos conselhos de Stengel, dirigiu-se a Vienna, com o fim de receber boas lições de piano e de rebeca n'aquella capital. Foi ali que se descobriu em Marcella um novo dom da natureza, uma voz verdadeiramente extraordinaria.

Feita esta importantissima descoberta, que tanto devia influir no seu futuro, Sembrich dedicou-se completamente à arte do canto.

De Vienna dirigiu-se a Milão, para aproveitar os conselhos e lições de João Baptista Lamperti, que, ao cabo de dois annos de ensino, a fez estreiar-se com grande successo em Athenas, na *Lucia*. Pouco depois de concluir ali uma epoca theatral, a joven artista afrontou o juizo critico do publico de Milão e Dresden.

A verdadeira carreira artistica de Marcella Sembrich não data, porém, da sua passagem pelas cidades de Pericles e de Augusto o Grande: a sua verdadeira reputação procede de Londres, onde debutou na temporada lyrica de 1880. Não estranhemos que o empresario do Covent Garden, mr. Gye, houvesse ficado surpreendido ante as extraordinarias aspirações de uma joven desconhecida, que pretendia revelar-se, como *soprano sfogato*, n'um

theatro onde brilhavam a Patti e a Alboni. Mr. Gye, no entanto, prestou-se a ouvi-la, fazendo cantar a joven artista depois do ensaio de uma opera em que tomava parte Adelina Patti. Marcella Sembrich cantou a aria do 1.º acto da *Lucia*. Esta simples audição bastou para que o empresario descrente se apressasse a escrever a diva por cinco annos.

Quem não tem ouvido fallar das brilhantes estreias da Sembrich em Londres e S. Petersburgo?

N'esta ultima capital, cantou já os papeis de *Lucia*, *Violetta*, *Gilda*, *Dinorah*, *Rosina* e *Giulietta*. A sua voz fresca, homogenea e egual em todos os registros, é deveras admiravel, subindo até ás notas mais agudas, sem que por isso perca nada da sua pastosidade.

N'um concerto dado por Sembrich, ha tres annos, nas salas da Assembléa da Nobreza de S. Petersburgo, a beneficio dos estudantes pobres da Universidade de Paris, e em que se fez ouvir como violinista, alcançou um triplice exito, cujas manifestações entusiasticas nos trouxeram á memoria as que, n'outros tempos, obteve a Patti.

Apenas n'estes casos excepçoes é que Sembrich consente em exhibir-se ao publico sob aquelles tres aspectos, e sempre que se trate de obras de beneficencia, ás quaes nunca deixou de prestar o seu concurso.

Marcella Sembrich falla uns poucos de idiomas, sendo-lhe egualmente facil cantar em polaco, em italiano, em allemão, em russo ou em francez.

Adora Chopin, o maior genio musical da Polonia, e não canta as suas composições senão acompanhando-se a si mesma ao piano.

A *diva* que ha dois annos nos embriagou com a sua deliciosa voz, é uma mulher de pequena estatura, morena e graciosissima. Agradavel logo ao primeiro *abord*, é encantadora no trato intimo, segundo dizem.

O ESPIAO

Foi summario o processo d'aquelle desgraçado. O tribunal vae condemnal-o, e a pena imposta será fatalmente a de morte. Elle bem o preadivinha, n'aquella sua attitude supplicante e commovedora. Mas por mais pungitivo que seja o espectáculo das suas lagrimas, por mais verdadeiro e sincero que seja o seu arrependimento, não consegue abalar o coração frio dos juizes, que hão de lavar, impassiveis, a horrivel sentença.

O crime é d'aquelles que se não perdoam, e para que não ha circumstancias attenuantes. A consciencia do infeliz, flagellada, pelo espinho do remorso, segreda-lhe isso mesmo, diz-lhe que praticou uma vilteza e que merece ser apodado de infame.

Ha, todavia, no rosto do pobre espião, traços caracteristicos de uma bondade sympathica. Aquellas cans, que lhe alvejam na fronte, inspiram-nos commiserção e respeito.

E' criminoso, diz o tribunal. Será. Mas é tambem um velho, e soffre, e chora. Não ha coisa que nos commova tanto como as lagrimas da velhice. Não ha nada que tanto nos incite á piedade como as torturas que se lêem n'umas faces maceradas pelo infortunio, sulcadas de rugas senis, desbotadas pela dor lancinante do remorso.

Se elles podessem absolvel-o?...

UM MOSTEIRO DE MULHERES, EM MOSCOU

A nossa estampa representa um mosteiro de mulheres, situado a dez kilometros de Moscou e mandado construir em 1781 por Elias Kovielin, riquissimo fabricante de tijolos d'aquella cidade russa.

Além d'este vasto mosteiro, Kovielin fundou, n'aquelle mesmo lugar, um convento para homens e uma igreja,—a igreja dos *Velhos Crentes*—onde se admiram magnificas obras d'arte.

CABANAS DE CAÇADORES EM AFRICA

Os europeus que vão para a costa occidental da Africa teem por força de alterar os seus habitos: a caça é quasi o unico passatempo que lhes pode dar umas horas de prazer; é difficil e perigosa, mas, por isso mesmo, exerce duplicadamente os seus attractivos nos caracteres aventureiros.

Pela nossa gravura poder-se-ha fazer ideia do que são as barracas dos caçadores n'aquellas regiões—barracas construidas

com troncos d'arvores e cobertas por camadas de hervas secas.

DAS PEQUENAS NACIONALIDADES EUROPEAS

IX

O principado de Monaco

(Continuado do n.º 12)

Carlos I, o Grande, filho de Renier II, tornou-se notavel pela resistencia energica com que habilitou a praça de Monaco a defender-se dos catalães por occasião de ter rebentado a guerra entre Genova e Barcelona. Antonio Grimaldi, seu irmão, teve a heroica audacia de ir até as aguas de Barcelona dictar a paz aos catalães em nome da republica de Genova (1336).

Tornou-se ainda memoravel por outras expedições gloriosas o reinado de Carlos o Grande, pois que o senhor de Monaco não só combateu com vantagem contra Veneza e conquistou a ilha de Chio, mas tambem prestou o seu apoio á França na famosa guerra dos *Cem Annos*, praticou actos de grande valor na batalha naval dada nas aguas de Guernesey, e tomou parte na batalha de Crecy, tão desastrosa para a França, e da qual elle proprio sahira gravemente ferido.

Monaco tinha medrado graças á decadencia de Genova, sempre perturbada por dissensões intestinas, e ao prestigio do nome de Carlos o Grande, a quem o rei de França Philippe IV havia remunerado bizarramente os seus serviços contra os inglezes. O commercio desenvolvera-se consideravelmente não só por causa do prestigio politico de Carlos, mas tambem pela audacia e valor dos marinheiros monégascos.

Sucedeu a Carlos Grimaldi seu filho, Renier III, que, em virtude de Simão Boccanegra, doge de Genova, haver tomado posse de Monaco, apenas poudo a principio reinar nos territorios de Menton, Roquebrune e Castillon.

A rainha de Napoles, Joanna I, cuja vida tragica a historia memora, nomeou Renier III, para o attrair á sua causa, senescal do Piemonte.

Um principe notavel, que em Italia se tornou popular com a denominação de *Il conde verde*, Amadeu VI de Saboya, emprehendeu conquistar as provincias confiadas por Joanna a Renier III.

O senhor de Monaco soube resistir ás primeiras contrariedades da guerra, tomando elle proprio depois a offensiva. O conde de Saboya foi repellido, e Renier, sempre dedicado á rainha de Napoles, repelliu ainda as tentativas dos francezes contra a Provença.

Carlos V, de França, grato aos serviços por elle prestados, durante o reinado de seu pai, na guerra dos *Cem Annos*, investiu-o na dignidade de almirante do Mediterraneo e de general dos exercitos navaes do rei nas costas do Languedoc, alem de lhe conceder uma pensão.

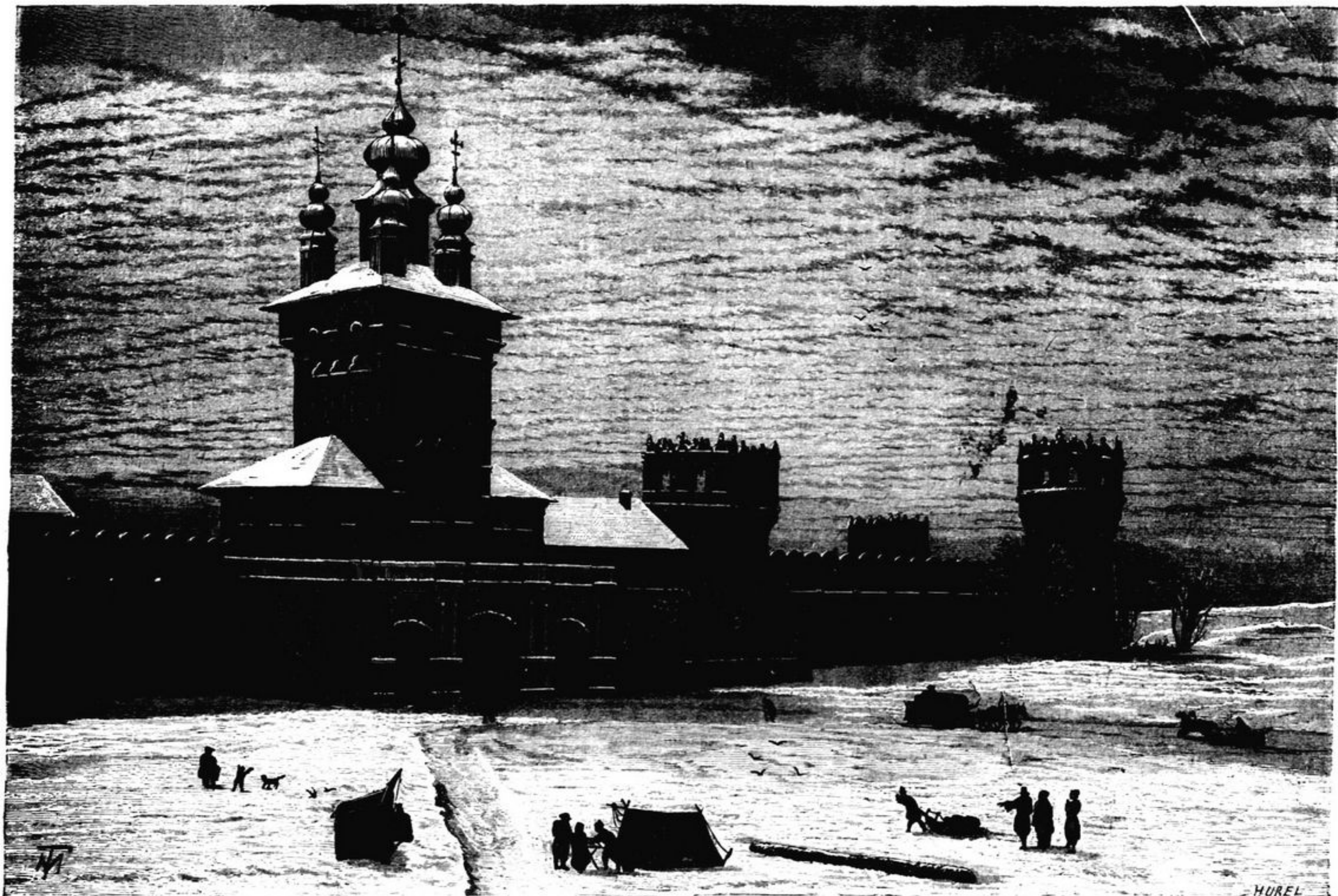
Nas curiosas peripecias do grande schisma do Occidente (1378), em que Joanna de Napoles se achou envolvida, Renier III collocou-se do seu lado, e portanto do lado do papa de Avinhão. Na guerra entre Carlos de Duras e Joanna de Napoles, guerra que devia acabar por Carlos mandar afogar a rainha entre almofadas, Renier manteve sempre a mais leal dedicacão pela rainha.

Quando se tratou de vingar a morte de Joanna, Renier III figurou como capitão-general da armada no exercito de Luiz d'Anjou, herdeiro e competidor de Carlos de Duras.

Em 1395, um dos membros da familia Grimaldi, do ramo dos barões de Bueil, quiz, protegido por Amadeu VII de Saboya, usurpar Monaco, tomando-o por emboscada, mas passando a antiga republica de Genova para o poder do rei de França, Carlos VI, um dos primeiros actos do governador francez, conde de Saint-Pol, foi collocar Renier á frente do governo de Vintimille.

A fim de restabelecer a ordem na republica, o rei de França enviou a Genova o cavalheiresco marechal de Boucicaut, o fundador da galante ordem da *Dama verde*. O marechal, querendo castigar João de Bueil, que do porto de Monaco sahia a piratear no Mediterraneo, encarregou Renier d'essa missão, que lhe forneceria ensejo de reconquistar os seus direitos sobre Monaco.

Assim foi. Renier venciu João de Bueil na ponte de Vintimille, ao passo que as suas galeras tomavam Monaco sem grande resistencia.



MOSTEIRO DE MULHERES EM MOSCOU

HUREL

Renier I morreu em 1407, depois de haver restabelecido em Monaco o poder dos Grimaldi.

Ambrosio, primogenito de Renier III, teve um reinado incolor e morreu accidentalmente, em 1422. Succedeu-lhe seu irmão João I, que seguiu as tradições gloriosas dos seus antepassados. Ganhou uma brilhante victoria contra a frota veneziana commandada por Nicolo Trevisani, e conseguiu assegurar a sua soberania absoluta sobre Monaco, pelo acto de 1448, segundo o qual cedeu ao duque de Saboya metade do castello de Menton e a totalidade do castello de Roquebrune, assignando o duque de Saboya um acto de enfeudação por essas doações.

Commentando este facto, diz Raymond de Boyer: «João I, consentindo n'esta investidura, não fez mais do que conformar-se com os costumes politicos do tempo, que impunham, aos senhores rodeiados de visinhos poderosos, esta necessidade analogo ao protectorado moderno.»

Na qualidade de almirante do rei de França, João I teve frequentes batalhas com os catalães no Mediterraneo. Morreu em 1434, deixando exarada no seu testamento a disposição de que as mulheres podiam succeder em Monaco na dynastia dos Grimaldi.

Succedeu-lhe Catalan, que viveu apenas tres annos, morrendo em 1437. A Catalan succedeu sua filha Claudina, que casou aos dozelannos com seu primo Lambert Grimaldi, o qual procurou em Renato d'Anjou um protector da soberania de Monaco.

Tendo-se revoltado em Genova o partido popular nacional, e expulsado o governador francez, foi nomeado doge da republica o arcebispo Paulo Fregose. Sforza, auxiliado por Lambert, não tardou a expulsar o novo doge, e remunerou Lambert com o governo de Vintimille. Lambert julgou ser esse o momento favoravel de se fazer proclamar senhor de Vintimille, mas o duque de Saboya interveio, e poz cerco a Monaco, que finalmente teve de capitular a 3 de abril de 1466, sendo occupado por uma guarnição do duque de Milão.

Lambert, altamente collocado na marinha da casa de Saboya, aproveitou os ocios da paz para reunir nas mãos do ramo mais velho toda a herança dos Grimaldi.

Para conseguir este resultado, comprou a seus primos Honorato e Lucas a parte que elles tinham no senhorio de Menton, enfeudando-a tambem ao duque de Saboya, a exemplo do que em 1448 havia feito João I.

Lambert, tendo completado a sua obra de unificação, pelo resgate completo de Menton, morreu em 1493.

(Continúa).

ALBERTO PIMENTEL.

QUANDO EU MORRER

Quando eu emfim morrer, oh! deem-me por campa
Um monte, alto, elevado;
Sarcophago de luz, que tem por lagea e tampa
O céu todo estrellado!

As arvores, caindo em languido desmaio,
O *requiem* cantarão,
E, ao echo dos trovões, será a luz do raio
A minha Extrema-Unção...

As aguias cór da neve, assemelhando astros,
Mais brancas do que o arminho,
Hão de rasgar-me o corpo e levar-o-hão, de rastros,
Em tiras, para o ninho!

É depois uma pomba, um anjo loiro e triste,
Virá buscar-me, emfim,
Para levar a minh'alma, (se é que a alma existe),
A Torre de Marfim...

ANTONIO NOBRE.

UM CONSELHO POR SEMANA

RECEITA PARA LIMPAR LUVAS DE PELLICA

Sabão em pó..... 500 gram.
Ammoniac liquido..... 90 "
Agua de gavela..... 300 "
Agua commum..... 300 "

Hummedece-se uma flanela e esfregam-se as luvas.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS NOVISSIMAS

Y nimal que mortifica o homem—2—1
S uspende do mar esta planta—1—3

D 'Argel envio este homem—1—2.
Y nimal que corre no mar—2—2
M ando da cosinha este verbo—3—1
S nota da estrada é de madeira—1—1
S uspende este homem por ser sacerdote—1—2

Leiria

JOSÉ DE SOUSA BENTO JUNIOR.

CHARADAS EM VERSO

Longo tempo ha, que suspiro
P'r um logar no tribunal,
—Ao de contas me refiro—
Sou modesto, só aspiro.
A vogal.—1

De pedir eu não desdenho,
—E n'isso não faço asneira—
Possuo um famoso empenho,
E' o amigo Soromenho
Sá Palmeira.—2

Fazendo grande despeza,
Presentes lhe tenho dado,
'té dignos d'uma princeza,
E inda não fui—que tristeza!—
Nomeado.

M. MONTEIRO JUNIOR.

(Ao incomparavel charadista *Pequeno Antoninho*)

Que fazes, meu *Antoninho*,
Que não dizes chus nem bus?
Ja nem nos mostras charadas,
D'essas charadas de truz?

Perdão te peço, *pequeno*,
De, sem qué nem para qué,
Fazer-te uma tal offerta,
Bem mal feita, já se vé.

Mas sempre qu'ria saber,
—Oh! que atrevimento o meu!—
O que fazes tão calado,
Metido lá em Vizeu.—1

Talvez que nymphas formosas,
Bellas, gentis, delicadas,
Te roubam agora o tempo
Que era d'antes p'ra as charadas...

Deixa-te d'isso, rapaz,
Que o amor faz mal á gente,
E faz como eu, que nunca
Cheguei a ser *padecente*—2.

Emfim, quem sabe se tu
E's d'aquelles que consomem
A vida a fazer amor?
Tens desculpa, porque és homem.

CHARADA EM TRIANGULO

. Certo volatil, poisado
 N este arbusto, eu observei,
 E bem perto, n'um arado,
 Eu esta bolsa encontrei;
 Eis que um 'arte se enfileira
 Mas cá não forma fileira
 Porque nota--não primeira--
 Na linha, já colloquei.

MATHEUS JUNIOR.

CHARADA CONJUGADA

Eu tenho—1
 Tu tens—1
 Este tem—1
 Ella tem

R. MONTEIRO JUNIOR.

Logogriphe

Muito perto de Madrid 4, 5, 3, 1, 2
 Soldados eu encontrei. 6, 3, 2, 4, 5
 Uma ave me roubaram 6, 2, 3, 4, 2
 Que eu n'este campo apanhei. 4, 3, 5, 1, 2

N'uma cidade d'Hespanha 6, 2, 3, 2
 Eu vi o amigo Banana, 6, 5, 4, 5, 1, 2
 Que me dizem ser mui habil 5, 4, 6, 2
 Na plantação d'esta canna 3, 2, 6, 5

N'esta villa açoriana, 6, 2, 4, 2
 Observei um monumento, 4, 5, 1, 3, 5, 2
 E lá vi em muita casa, 4, 2, 3, 6, 5
 De trabalho um instrumento. 6, 3, 5, 1, 2.

E em certa cidade russa, 6, 5, 3, 5
 Encontrei sobre uma mesa, 4, 3, 5, 6, 2
 —Coisa que bem pouco vale, 6, 3, 5, 4, 2
 Um jogo, tende a certeza. 6, 2, 4, 5

Não imagina, meu caro,
 Quanto é mau esse defeito
 De, em vez d'ir até a Russia,
 Estar a ler o conceito.

MATHEUS JUNIOR.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Laca—Ricardo—Viuva—Andaba-
 ta—Viella—Belladona—Cazoar.

DAS CHARADAS EM VERSO:—Lavater—Vanguarda.

LA CHARADA CONIMBRICENSE:—Ca ra
 be
 ta ça

DO ENIGMA:—Bissextos.

A RIR

Falla-se d'um veterinario, que acaba de ser agraciado com o habito de Christo.

Um dos seus amigos faz-lhe os maiores elogios, dizendo:
 —E' author d'uma obra muito apreciada:—a *Raça suina*.

Depois, accrescenta distrahidamente:

—...Sim, meus senhores!... E' filho das suas obras!...

*

Um pintor das duzias declara a varios amigos que vae mandar caiar a casa onde mora, para em seguida a pintar pela sua mão.

Um d'elles redargue-lhe sorrindo:

—Olha, acho melhor pintal-a primeiro; depois a mandarás caiar!

*

Uma formosa loirinha, de costumes ligeiros, pede à sua amiga mais intima que lhe dé informações sobre certo marialva, que a namora.

—E' rico?

—Sim, mas é gastador.

Então havemos de nos entender perfeitamente.

*

Calino adocece, e o medico prescreve-lhe dieta rigorosa.

A criada, apercebendo-se das prescripções do doutor, mata uma gallinha para o jantar do enfermo.

—O que você fez! diz Calino à servente. Matar uma gallinha só para mim! Podia ao menos ter morto metade! Era quanto bastava.

NO ALGARVE

VI

Faro

Tem uma velha historia a cidade de Faro, capital do districto algarvio. A sua velhice evidencia-se nas muralhas que circumdam a primitiva villa mourisca, no castello que ainda se conserva de pé e n'alguns restos desmantelados que se encontram de onde aonde, e a que tantas gerações de musgos se têm abraçado.

Divergem opiniões ácerca da sua fundação. Affirmam uns que a edificaram os gregos, outros os mouros. Seja como fór, Faro caiu em poder de D. Affonso III, em março de 1249.

Uma lenda pittoresca attribue a tomada do castello à traição d'uma deliciosa moura, filha do alcaide Aloandro, e que, apaixonando-se por um cavalleiro lusitano, abriu alta noite aos sitiadores a porta secreta da muralha: essa porta, que olha para o mar, é ainda hoje conhecida pela *Porta da Traição*.

Faro acha-se situada a tres milhas do Cabo de Santa Maria e na margem oriental do Val Formoso—pobre ribeiro modesto engrandecido por um braço do oceano.

Assenta n'uma vasta planicie, limitada ao norte pelo alto de Rhodes, e ao nascente pelo alto de Santo Antonio.

A antiga villa de *Faraon* ou *Farom*, e depois Faro, occupa uma superficie bastante vasta cercada por uma espessa muralha, róta em alguns pontos por exigencias de novas edificações, e pela acção destruidora dos seculos.

Com o decorrer dos annos fóram surgindo as casarias que hoje formam a cidade e que, rodeando a muralha desde o nascente ao poente, pelo norte, se estende na planura, com perto d'uma milha de raio.

Excavações recentes fizeram descobrir traços de construcções romanas e carthaginezas; e por toda a parte ainda apparecem vestigios dos mouros que dominaram a peninsula.

A Sé, que foi mesquita mourisca, nenhuma curiosidade encerra. Além d'este edificio, tem mais o seminario, o lyceu, o palacio episcopal, o hospital e algumas construcções modernas, que não primam por elegancia.

Faro tem a sua tradição presa ás nossas glorias do seculo XVII; alguns nomes algarvios figuram nas passadas conquistas portugueza de Asia e Africa.

Em 1828 a cidade combateu o movimento liberal, fazendo causa commum com o partido usurpador.

Até 1860 Faro e todo o Algarve conservaram-se modestamente na sombra. Por essa época uma companhia ingleza principiou a construcção de um caminho de ferro; mas tendo quebrado, a provincia, um instante animada, voltou a adormecer e a ser esquecida.

O seu commercio continuou estacionario, a sua vida limitada e reduzida; e ás noites, os candieiros municipaes, economicamente espaçados, entornando a sua luz amortecida pelas esquinas das ruas, davam á cidade o aspecto de um vasto cemiterio deserto e triste.

Faro foi berço d'alguns vultos, entre elles:

Manuel Mascarenhas de Figueiredo Manuel, O Capitão-Mór—o hercules algarvio, homem de extraordinaria força muscular, muito conhecido em todo o paiz, Hespanha e Italia, e que morreu em 1797.

dosos e para os *boudoirs* delicados, o perfume original das suas canções no perfume purissimo que lhe cercou a infancia, bebido nas devezas serenas e nas planicies risonhas do seu paiz.

Este não inventou a *cartilha maternal*, nem fez versos em rapaz, mas, corrigindo os versos dos outros rapazes—versos cantados á luz estonteadora da prostituição—tem mostrado, sem ostentar poses pedantescas, que é bom, e que a sua alma encerra esse alguma coisa suave, tão difficil de encontrar n'este meio corrupto em que vivemos—a caridade na sua accepção rigorosa e humana.

Um lyrico adoravelmente idealista e um pratico compassivo: um medico espiritual e um operador de corpos que se corrompem.

Dois extremos: o primeiro assenta entre as estrellas a sua alma de sonhador, para de ali entornar jorros de luz sobre as cabeças dos pequeninos; o segundo crava os olhos nos devassos



CABANAS DE CAÇADORES EM AFRICA

Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira, commandante militar da costa, depois governador das armas, expatriado em 1823 com a queda da constituição, e mais tarde elevado a brigadeiro, quando desembarcou nas praias do Mindello.

A Padeira de Aljubarrota, Brites d'Almeida, cujas aventuras se ligam á nossa historia; etc., etc.

Seria longo enumerar todos os que se distinguiram nas artes e nas sciencias philosophicas e mathematicas, como Dyonisia Antonia da Encarnação.

Fecharei a lista com dois nomes apenas, que n'estes ultimos annos souberam tornar-a laureados:

João de Deus e José Maria de Assis—um poeta e um humanitario; um amigo da humanidade, representada nas creanças, e um magnanimo.

João de Deus viu a luz em S. Bartholomeu de Messines. José Maria nasceu em Faro.

Aquelle, cantor nascido na liberdade campesina da sua aldeia, entre montanhas, trouxe mais tarde para os centros ruidosos

chagados e repellentes e abre delicadamente, mysteriosamente, a sua bolsa aos pobres que o procuram.

Ahi ficam esses dois nomes sem *réclame* ás *Flores do Campo* nem ao decrocto de Zittmann.

E agora, que está satisfeita a curiosidade natural e inevitavel—oh! pois não!—do meu leitor, abro um longo parenthesis, para n'elle escrever o insupportavel *continúa* de todos os folhetins, e volto-me para as recordações remotas que se avivam de repente no meu espirito, ao pisar de novo o solo abençoado da terra em que nasci.

LORJÓ TAVARES.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica